

VIVÊNCIA CIRCENSE NA ESCOLA: UM RELATO DO DESENVOLVIMENTO E DOS IMPACTOS DO PROJETO “CIRCO NA ESCOLA”.

Gabriele Cruz Da Silva ¹
Juliane de Souza Souza ²
Dainessa de Souza Carneiro ³
Patrícia dos Santos Trindade ⁴

RESUMO

Este estudo apresenta o relato de experiência do projeto “Circo na Escola”, desenvolvido pelo subprojeto de Educação Física do PIBID/UFAM, entre março e maio de 2025, na Escola Estadual Ministro Waldemar Pedrosa, em Parintins-AM, com turmas do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A proposta visou integrar práticas circenses ao cotidiano escolar, por meio de vivências corporais, lúdicas e inclusivas. O projeto foi estruturado em quatro etapas: levantamento de saberes prévios, apresentação da história e dos elementos do circo, oficinas práticas e organização de um espetáculo final. A metodologia adotada foi qualitativa e descritiva, característica dos relatos de experiência, com base em autores como Rodrigues et al., Toledo e Zanotto, Silva, e Yonamine e Rossi. O projeto valorizou a escuta ativa, o protagonismo discente, a adaptação pedagógica e a expressão corporal como forma de aprendizagem significativa. Os resultados indicaram que as práticas circenses estimularam o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social dos alunos, promoveram o respeito à diversidade e fortaleceram os vínculos entre professores, pibidianos e estudantes. A culminância em um espetáculo coletivo evidenciou o impacto estético, emocional e educativo das ações propostas. No entanto, também foram identificadas fragilidades relevantes, como a carência de materiais e infraestrutura, a ausência de formação continuada em arte-educação e a baixa valorização das linguagens expressivas nos planejamentos escolares. A surpresa da comunidade escolar diante da apresentação final revelou o distanciamento entre a prática artística e a rotina escolar, apontando para a necessidade de políticas públicas que garantam a presença sistemática e efetiva das artes circenses como parte integrante da formação humana nas escolas públicas.

Palavras-chave: circo na escola, arte-educação, ludicidade, inclusão escolar, expressão corporal.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, gabi2408cruzsilva@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amazonas - UFAM souzajuliane920@gmail.com;

³ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, dainessaef@gmail.com

⁴ Professora orientadora: Doutora em Educação Física na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, pstrindade@ufam.edu.br.





O circo é uma manifestação cultural milenar que combina distintas habilidades artísticas em espetáculos que misturam magia, humor, equilíbrio, acrobacias e teatralidade. Conforme Silva (1996), trata-se do espetáculo mais antigo de que se tem registro, e sua permanência no imaginário coletivo revela sua relevância simbólica e estética.

No decorrer da história, o circo tem se transformado, adequando-se às demandas sociais e culturais de cada época. Com o tempo, deixou de ser apenas uma forma de entretenimento e passou a ser também um campo fértil para práticas educativas e culturais, sobretudo em espaços escolares (Rodrigues et al., 2021).

Inserido no contexto escolar, o circo torna-se uma linguagem pedagógica potente, capaz de promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Sua diversidade de práticas permite que se articulem aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos, proporcionando experiências de aprendizagem significativas (Toledo; Zanotto, 2020).

A educação contemporânea exige abordagens inovadoras que rompam com os modelos tradicionais de ensino. Nesse sentido, o circo contribui para práticas pedagógicas mais inclusivas, interdisciplinares e lúdicas, ampliando os horizontes da formação escolar (Yonamine; Rossi, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reconhece a importância das artes circenses como conteúdo a ser explorado nas áreas de Artes e Educação Física. Sua abordagem interdisciplinar favorece a integração de saberes e o desenvolvimento da expressividade, da consciência corporal e da criatividade.

Além dos benefícios no campo motor e artístico, o circo escolar favorece o fortalecimento da identidade individual e coletiva. As atividades propostas permitem às crianças se expressarem por meio do corpo, expandindo sua percepção de mundo e construindo uma autoimagem mais positiva (Silva, 2023).

As práticas circenses na escola também promovem o respeito à diversidade e à singularidade dos corpos e das expressões. Trata-se de uma linguagem inclusiva, que acolhe diferentes ritmos, habilidades e possibilidades, favorecendo a cooperação e a superação de desafios coletivos (Santos; Dourado, 2019).

O universo circense tem se ampliado como objeto de estudo e prática pedagógica. Diversas pesquisas apontam para seu potencial enquanto recurso didático e expressão cultural, contribuindo para a construção de uma educação mais sensível, estética e humanizada (Rodrigues et al., 2021).

Apesar desse avanço, há realidades escolares que ainda não contemplam as atividades circenses em seus planejamentos pedagógicos. Em Parintins, por exemplo, observa-se uma





carência significativa na inserção dessas práticas no cotidiano escolar, seja nos planos bimestrais ou em projetos específicos (Menezes, 2024).

Essa ausência contrasta com os potenciais formativos do circo, que já é realidade em muitas escolas brasileiras e vem sendo consolidado como parte da cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física (Toledo; Zanotto, 2020).

A escassez de formação inicial e continuada dos professores de Educação Física no que tange às práticas circenses é uma das barreiras para a difusão do conteúdo. Muitos docentes buscam, por iniciativa própria, recursos na internet ou em materiais didáticos para adaptar as atividades às suas realidades (Menezes, 2024).

Ainda assim, o interesse dos professores e alunos pelo tema revela a potência dessa linguagem. Experiências bem-sucedidas demonstram que, mesmo com recursos simples e espaços adaptados, é possível desenvolver atividades circenses de forma criativa e segura (Rodrigues et al., 2021).

A prática circense, segundo a literatura, favorece não apenas o condicionamento físico, mas também o desenvolvimento da autoconfiança, da persistência, da coragem e do senso de coletividade (Yonamine; Rossi, 2019). Esses aspectos são essenciais para a formação de sujeitos críticos, criativos e cooperativos.

Nesse sentido, a ludicidade não é apenas um recurso, mas um valor estruturante nas práticas circenses escolares. O brincar, a imaginação e o improviso fazem parte da construção do conhecimento, respeitando o tempo e as particularidades de cada aluno (Silva, 2023).

Diante desse panorama, o subprojeto de Educação Física do PIBID/UFAM propôs o desenvolvimento do projeto “Circo na Escola”, com o intuito de integrar o circo ao cotidiano escolar das crianças atendidas, oferecendo vivências ricas, inclusivas e significativas.

O projeto buscou aliar teoria e prática, dialogando com os documentos curriculares e com a literatura científica recente. Para isso, foram elaboradas atividades que valorizassem a experimentação, o trabalho coletivo, a ludicidade e a criação artística a partir dos elementos do circo.

As ações foram divididas em quatro fases: roda de conversa, apresentação da história e elementos do circo, vivências práticas e construção de um espetáculo final. Cada etapa foi cuidadosamente planejada para respeitar as características das turmas e promover uma aprendizagem prazerosa e participativa.

O projeto teve como objetivos principais proporcionar aos alunos experiências corporais significativas por meio das práticas circenses, promover a inclusão de todos os



estudantes – incluindo os da educação especial, e valorizar o protagonismo estudantil nas ações artísticas e pedagógicas.

Espera-se, com este trabalho, contribuir para a reflexão sobre a importância das atividades circenses na escola, especialmente em contextos onde elas ainda não são contempladas. Mais do que uma sequência de aulas, o projeto representou uma intervenção pedagógica que evidenciou a potência transformadora da arte e da ludicidade.

Assim, o presente relatório tem por finalidade descrever o processo de desenvolvimento do projeto “Circo na Escola” e apresentar os impactos observados no contexto escolar, fundamentando-se em valores como cooperação, respeito mútuo, criatividade e sensibilidade estética, à luz das contribuições teóricas já consolidadas sobre o tema.

METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como um relato de experiência, de natureza qualitativa e descritiva, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Amazonas. As ações foram realizadas entre os meses de março e maio de 2025 na Escola Estadual Ministro Waldemar Pedrosa, em Parintins-AM, com 158 alunos dos 2º ao 5º anos do Ensino Fundamental I.

As atividades foram organizadas em quatro etapas:

1. Diagnóstico Inicial: Identificação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o circo por meio de roda de conversa, desenhos (para 2º e 3º anos) e questionário (para 4º e 5º anos).
2. Exposição Conceitual: Apresentação da história do circo e seus elementos principais, com uso de linguagem acessível, vídeos e imagens.
3. Vivências Práticas: Realização de atividades corporais adaptadas à infraestrutura escolar, como acrobacias, malabarismo, equilíbrio e jogos teatrais.
4. Espetáculo Final: Preparação e apresentação de um espetáculo circense construído coletivamente com os alunos.

As ações foram planejadas e executadas pelos bolsistas e supervisores do subprojeto de Educação Física, com acompanhamento contínuo das turmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeira Fase – Roda de Conversa sobre o Circo





A atividade inicial do projeto consistiu em uma roda de conversa com as crianças, precedida por uma apresentação lúdica dos pibidianos realizando malabarismo. Esse recurso foi eficaz para atrair a atenção e despertar a curiosidade dos estudantes, o que facilitou o engajamento na conversa que se seguiu. As interações foram conduzidas por perguntas abertas, como “Onde vocês já viram isso?” ou “Vocês já foram ao circo?”, com o objetivo de acessar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o universo circense.

Os relatos das crianças revelaram uma diversidade de experiências com o circo, desde vivências presenciais até referências televisivas. Algumas identificaram elementos clássicos, como o palhaço, o mágico e o malabarista, enquanto outras associaram o circo à “Carreta Furacão”, uma manifestação artística popular local. Essa fase reforçou a ideia de que o circo é uma referência cultural viva, presente tanto na experiência direta quanto no imaginário infantil, como também apontado por Yonamine e Rossi (2019), que defendem o circo como tempo-espaço-vivência que amplia a expressão e a corporeidade das crianças.

A escolha por iniciar o projeto por meio de uma roda de conversa não foi aleatória, mas sim fundamentada na pedagogia dialógica. Conforme Rodrigues et al. (2021), estratégias como o diálogo e a escuta ativa são fundamentais na pedagogia do circo, pois permitem reconhecer a bagagem cultural do aluno e valorizar sua experiência subjetiva. Além disso, esse momento demonstrou a potência do circo enquanto linguagem acessível e instigante para a infância.

Por fim, esse primeiro contato possibilitou observar o interesse dos alunos por aspectos ligados à ciência e à técnica presentes no circo, como o malabarismo e a mágica. Essa percepção corrobora os achados de Menezes (2024), que aponta a importância das atividades circenses para o desenvolvimento cognitivo, motor e psicossocial dos alunos, ainda que muitos professores careçam de formação específica para explorar esses potenciais em sala de aula.

A roda de conversa também foi essencial para estabelecer um vínculo afetivo entre os alunos e os pibidianos, favorecendo a construção de um ambiente de confiança e escuta. Como destacam Santos e Dourado (2019), o vínculo social e afetivo estabelecido nas práticas corporais é fundamental para que a aprendizagem ocorra de forma significativa e respeitosa, permitindo que o conteúdo se torne parte da vivência cotidiana dos estudantes.

Segunda Fase – Apresentação da História e dos Elementos Circenses

Na segunda fase, foi realizada uma exposição sobre a história do circo e seus principais elementos, utilizando slides e vídeos. A mediação visual e audiovisual foi pensada





com base na acessibilidade cognitiva e na atratividade estética para crianças. A apresentação histórica contemplou o surgimento do circo até as manifestações contemporâneas, com ênfase em performances como as do Cirque du Soleil, permitindo que os alunos reconhecessem o circo como um fenômeno cultural dinâmico.

A utilização de vídeos mostrou-se extremamente eficaz para ampliar a percepção das crianças sobre as possibilidades artísticas do circo. As reações de surpresa e encantamento observadas durante a exibição revelaram o fascínio dos alunos diante das técnicas e da estética envolvidas nas apresentações. De acordo com Toledo e Zanotto (2020), as atividades circenses têm potencial para estimular o imaginário, incentivar a persistência e favorecer a construção de novas formas de percepção corporal e social, o que se confirmou nas vivências propostas ao longo do projeto.

Após a exibição, os professores aproveitaram o momento para discutir com os alunos o valor artístico e o esforço envolvido nas apresentações circenses. Essa reflexão buscou ressignificar a ideia do “truque” como algo mágico ou irreal, trazendo à tona o trabalho disciplinado, criativo e técnico dos artistas. Segundo Santos e Dourado (2019), a atividade circense, quando bem conduzida, promove não apenas o bem-estar físico, mas também o desenvolvimento afetivo e a valorização da superação pessoal e coletiva.

Além disso, segundo Yonamine e Rossi (2019), a introdução do circo nas escolas permite a ampliação da consciência corporal e da escuta sensível, elementos centrais na educação integral. A visualização dos vídeos, portanto, ultrapassou o simples entretenimento, pois proporcionou também reflexões sobre o corpo, a arte e a cultura, instigando os alunos a perceberem-se como sujeitos capazes de criar, interpretar e apreciar expressões artísticas complexas.

Terceira Fase – Vivências Práticas Circenses

A etapa seguinte envolveu vivências práticas com diferentes elementos circenses, distribuídas ao longo de várias semanas. As oficinas foram planejadas para estimular a experimentação e a ludicidade, em detrimento do rigor técnico. Inicialmente, foram exploradas as acrobacias de solo, adaptadas ao nível de desenvolvimento motor de cada grupo, com ênfase no acolhimento das diferenças e na valorização do progresso individual.

Essa escolha metodológica está de acordo com os apontamentos de Silva (2023), que afirma que o brincar é essencial no processo de ensino-aprendizagem da arte circense, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Brincadeiras como “Lona, Palhaço e Tempestade”, o jogo “Boca do Palhaço” e o circuito de equilíbrio evidenciaram o potencial





das atividades circenses para desenvolver não apenas habilidades motoras, mas também aspectos sociais e emocionais.

A introdução do malabarismo, com materiais acessíveis e recicláveis, mostrou-se altamente inclusiva e adaptável. Essa estratégia reforça o que apontam Rodrigues et al. (2021), ao discutirem a importância da criação de materiais alternativos diante da precariedade estrutural das escolas. Ainda que tais adaptações possam revelar carências institucionais, elas também demonstram a criatividade pedagógica e o compromisso com uma prática inclusiva. No entanto, a necessidade de recorrer a materiais recicláveis, embora tenha favorecido a inventividade, também evidencia a negligência institucional em prover recursos adequados para a educação física e artística nas escolas públicas. Essa realidade impõe aos educadores um esforço contínuo de reinvenção para garantir o mínimo necessário à aprendizagem, revelando um cenário em que a superação das dificuldades depende, em grande parte, da iniciativa individual e da capacidade de adaptação dos professores. A escassez de materiais específicos para as atividades circenses é uma dificuldade recorrente, sendo o apoio institucional para a aquisição desses recursos apontado como fundamental pela maioria dos professores, evidenciando a importância de investimentos que garantam melhores condições para o desenvolvimento das práticas pedagógicas (Falcade e Bortoleto, 2024).

A participação ativa das crianças da educação especial confirmou a natureza inclusiva das práticas circenses, conforme discutido por Gonçalves e Dourado (2019), que ressaltam a capacidade das atividades circenses de promover bem-estar, autonomia e pertencimento. A expectativa semanal pela “aula de circo” evidenciou o êxito da proposta em mobilizar as turmas, promovendo um espaço educativo significativo, alegre e transformador.

Quarta Fase – Preparação e Apresentação do Espetáculo Circense

A última fase do projeto consistiu na construção coletiva de um espetáculo, integrando os conhecimentos e habilidades desenvolvidos nas fases anteriores. Houve uma ampla adesão dos alunos, o que demandou organização e seleção criteriosa dos participantes e dos números. A escolha de diferentes linguagens circenses, mágica, palhaçaria, acrobacias, dança temática e bastão chinês, possibilitou o envolvimento de grande parte da comunidade escolar.

O protagonismo dos alunos foi enfatizado durante todo o processo, desde a criação dos números até a organização do espetáculo. Essa autonomia dialoga com a proposta de Yonamine e Rossi (2019), para quem o circo na escola deve promover a liberdade expressiva e o alargamento de significados. O uso de materiais simples, reaproveitados, também reforçou o caráter sustentável e criativo da proposta pedagógica.





A apresentação final foi recebida com entusiasmo pela comunidade escolar, que demonstrou surpresa diante do resultado. Muitos espectadores expressaram incredulidade com o nível de organização e performance dos alunos, revelando o impacto positivo da arte circense como ferramenta educativa. Segundo Toledo e Zanotto (2020), esse encantamento é reflexo da potência do circo enquanto linguagem estética e pedagógica, capaz de romper com o tradicional e provocar novas experiências formativas. No entanto, a surpresa da comunidade escolar diante do espetáculo revela não apenas o êxito da proposta, mas também um dado preocupante: o quanto práticas artísticas e expressivas ainda são subvalorizadas no cotidiano escolar. A incredulidade dos espectadores pode ser lida como um sintoma de uma cultura pedagógica que negligencia o protagonismo infantil e a potência formativa das linguagens artísticas, as quais, muitas vezes, permanecem à margem dos projetos político-pedagógicos escolares.

Durante a apresentação, reforçou-se com o público a importância de valorizar o artista circense como agente cultural e social. Essa discussão remete à concepção de Menezes (2024), que defende que o circo, mais do que espetáculo, é um espaço de aprendizagem, autoconhecimento e desenvolvimento integral. O espetáculo final não foi apenas um encerramento, mas a culminância de um processo pedagógico que aliou ludicidade, inclusão, arte e conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no projeto “*Circo na Escola*” evidenciou o imenso potencial das práticas circenses como linguagem educativa potente, inclusiva e transformadora. Ao integrar arte, ludicidade e corporeidade, o projeto promoveu não apenas aprendizagens motoras e cognitivas, mas também o fortalecimento do vínculo afetivo entre alunos, professores e pibidianos, além de fomentar o protagonismo infantil e a valorização da diversidade.

O desenvolvimento das atividades demonstrou que, mesmo em contextos de infraestrutura limitada, é possível construir experiências pedagógicas ricas, desde que haja intencionalidade, criatividade e compromisso docente. A atuação do PIBID, nesse sentido, foi fundamental para possibilitar a inserção de práticas inovadoras no cotidiano escolar, ao mesmo tempo em que ofereceu formação inicial qualificada aos futuros professores. O programa se revelou, portanto, como um espaço de formação docente que rompe com a lógica fragmentada da graduação e aproxima os licenciandos dos desafios concretos da escola pública.





Mais do que um espetáculo, o projeto foi um ato político-pedagógico, que reafirmou o direito à expressão, à imaginação e à alegria como dimensões indissociáveis de uma educação verdadeiramente emancipadora. Cabe ao Estado garantir que essas experiências não sejam exceção, mas parte integrante de uma escola pública viva, criativa e democrática.

SANTOS, C. C. G.; DOURADO, M. C. Atividades circenses: ações pedagógicas na licenciatura e no bacharel. São Paulo: Marlogio Studio; CREF4/SP, 2019.





SILVA, L. C. da et al. A arte circense na escola: a ludicidade e o brincar no ensino fundamental I. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/39922>. Acesso em: 02 jul. 2025.

TOLEDO, A. M.; ZANOTTO, L. Uma análise das atividades circenses como conteúdo da Educação Física: aportes teóricos e práticos. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 25, n. 268, 2020.

YONAMINE, M. H.; ROSSI, F. Atividades circenses na escola: o que dizem os estudos acadêmicos? *Criar Educação*, Criciúma, v. 13, n. 1, jan./jun. 2024. PPGE – UNESC. ISSN 2317-2452. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6247/6872>. Acesso em: 24 jul. 2025.

